

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação.

BIBLIOTECA, ORALIDADE E CONHECIMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DE MEDIÇÃO E APROPRIAÇÃO CULTURAL

Andreina Alves de Sousa Virginio (Universidade de São Paulo)
Edmir Perrotti (Universidade de São Paulo)

***LIBRARY, ORALITY AND KNOWLEDGE: A CONTRIBUTION TO STUDIES OF MEDIATION AND
CULTURAL APPROPRIATION***

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Esta pesquisa trata de relações intersemióticas entre oralidade e outras formas de expressão cultural, com foco na mediação e apropriação cultural, em espaços biblioteconômicos contemporâneos. Discute conceitos de oralidade, escrita; cultura; apropriação, mediação cultural e biblioteca e adota parâmetros de pesquisa colaborativa, como perspectiva metodológica. O trabalho foi realizado na Casa da Leitura, biblioteca do IFPI - campus Floriano (PI). O problema da pesquisa desdobrou-se em questões concretas, a saber: como a oralidade se manifesta no espaço da biblioteca em questão, em relação a outras formas de comunicação cultural? Que lugar o dispositivo reserva para a viabilização de trocas orais entre os sujeitos envolvidos nas práticas aí realizadas? Como as manifestações orais são estimuladas em atividades educativas e culturais?. Participaram das atividades, programadas pela pesquisadora em colaboração com educadores e profissionais da biblioteca, crianças de 8 – 9 anos, da Rede de Ensino Pública do município de Floriano (PI). Os resultados mostraram a oralidade como parte integradora essencial nos processos de apropriação e mediação cultural envolvendo diferentes linguagens. Ela foi percebida como manifestação fundamental das práticas culturais junto ao grupo de crianças, cujas dificuldades com a leitura poderiam afastá-las da biblioteca, ambiente marcado por forte tradição ligada à escrita. Além deste aspecto, a oralidade oportunizou trocas e experiências com possibilidades de negociações imediatas, tanto em relação aos conteúdos dos diferentes suportes informacionais da biblioteca, quanto em relação aos enunciados dos sujeitos envolvidos - pesquisadora, colaboradores e as próprias crianças. Assim, a Casa da Leitura foi percebida pelos participantes como espaço dialógico e acolhedor, aberto a experiências significativas que dizem respeito tanto à própria oralidade, como à escrita e outros códigos culturais. A perspectiva intersemiótica que **pautou os trabalhos mostrou-se caminho promissor** aos processos de mediação e apropriação cultural, abrindo portas de participação cultural ao grupo estudado.

Palavras-Chave: Oralidade e Bibliotecas; Biblioteca – Dispositivo cultural; Mediação cultural; Apropriação cultural.

Abstract: This research deals with intersemiotic relations between orality and other forms of cultural expression, focusing cultural appropriation, in contemporary librarianship spaces. It discusses concepts of orality, writing; culture; appropriation, cultural mediation and library and it adopts parameters of collaborative research, as a methodological perspective. The work was conducted at “Casa da Leitura”, a library built on the campus of IFPI, in the city of Floriano (PI). The problem of research has developed into concrete questions, namely: how orality manifests itself in the space of the library in question, in relation to other forms of cultural communication? What accommodation does the place make feasible for oral exchanges between the subjects involved in the practices performed there? Children of the Public Education System of Floriano City (PI), from 8 to 9, took part in the activities, programmed by the researcher in collaboration with educators and professionals of the library. The results showed orality as an essential integrating part in the processes of appropriation and cultural mediation involving different parlance. It was perceived as a fundamental manifestation of cultural practices among the group of children, whose difficulties with reading could keep them away from the library, a site marked by a strong tradition linked to writing. In addition to this aspect, orality has facilitated exchanges and experiences for immediate negotiations possibilities, both in relation to the contents of the different information media of the library and in relation to the statements of the subjects involved - researcher, employees and the children themselves. Thus, the “Casa de Leitura” was perceived by the participants as a dialogical and cozy space, opened to meaningful experiences that relate to its own orality, writing and other cultural codes. The intersemiotic perspective that guided the works showed itself as a promising path to the processes of mediation and cultural appropriation, allowing cultural participation to the studied group.

Keywords: Orality and Library; Library - Dialogical cultural place. Cultural mediation. Cultural appropriation.

1 INTRODUÇÃO

Martins (2002) sinaliza que a necessidade de registrar, documentar, conservar e “rememorar” fatos, eventos e vivências fez emergir historicamente a instituição biblioteca, já na Antiguidade. No entanto, as fases pelas quais a biblioteca passou nos fazem refletir sobre as necessárias mudanças que ocorreram e que ainda ocorrem nesta instituição. Isto porque, as vicissitudes pelas quais a biblioteca passa não estão sob um viés de isolamento ou casualidade, pelo contrário, refletem as transformações ocorridas socialmente, com todos os seus ganhos e fragilidades.

Assim, mesmo com o rompimento dos grilhões que separavam a sociedade de todo o conhecimento detido nos mosteiros, muitos homens, mulheres e crianças não compreendiam o sentido da liberdade de ter um livro em suas mãos, porque, o livro, desde sua confecção, sempre ressoou como “objeto de luxo” ou instrumento de intelectualidade. Da mesma forma, mesmo na contemporaneidade, muitas pessoas ainda não foram incluídas nos processos de democratização e socialização da biblioteca, seja por analfabetismo, condições socioculturais e econômicas adversas, pouca visibilidade dada aos equipamentos culturais por políticas públicas excludentes, sem contar a celeridade na contemporaneidade que, inevitavelmente, cria obstáculos à leitura e à audição de histórias numa perspectiva de

“experiência”, tal como a define Walter Benjamin (1987) em seu texto “Experiência e Pobreza”.

McLuhan (1972) aponta que a assimilação e interiorização tecnológica da escrita, em especial do alfabeto fonético, transportou o homem do mundo mágico da audição para o mundo neutro da visão. Para exemplificar esta transposição, o autor faz o seguinte apontamento:

Enquanto a criança ocidental é logo cedo iniciada em jogos de blocos de construção, em chaves nas fechaduras, torneiras e numa multiplicidade de artigos e eventos que a compelem a pensar em termos de relações espacial-temporais e de causação mecânica, a criança africana recebe, ao invés, uma educação que depende muito mais exclusivamente do mundo falado, o qual é relativamente sobrecarregado de drama e emoção (CAROTHERS, p. 308 *apud* MCLUHAN, p. 34).

Neste aspecto podemos pensar, a princípio, numa polarização entre a “magia” da oralidade e “racionalidade” da escrita. Todavia, “o entre” destes polos é onde habita o cerne desta pesquisa: a defesa de um *continuum*, existente entre a oralidade e a escrita. Nesse sentido, buscaremos, a partir do espaço da biblioteca, evidenciar esses vínculos existentes não apenas nela, mas aqui apresentada como possibilidade de uma dialética criativa e crítica entre a magia e a razão, entre a experiência e o registro, entre imaterialidade e a materialidade, entre a palavra e a escrita.

Ou seja, ao pensarmos no trajeto histórico da biblioteca¹, a refletiremos como instância de mediação e apropriação, onde a oralidade é percebida como prática educativa e cultural. Isto implica pensar a oralidade e a escrita como práticas agregadoras e complexas e não antagônicas, isoladas e simplistas.

Defender a oralidade em um espaço eminentemente letrado, e muitas vezes caracterizado por interdições, como é o caso da biblioteca, é defender tanto a potencialidade oral como a já consagrada potência da escrita para construção do conhecimento. Neste aspecto, o rompimento de concepções binárias e monolíticas que envolvem a cultura oral e a cultura letrada se fazem necessárias para que, a partir de então, pensemos na biblioteca como espaço intersemiótico e intercultural, onde o oral, o escrito e demais linguagens culturais operam em atitudes dialógicas e de negociação, de forma a

¹ De forma resumida podemos pensar no transcurso histórico da biblioteca a partir das seguintes perspectivas: Conservação (Antiguidade); Sagrada (Medieval); Difusão (Modernidade) e agora, defendida neste trabalho, a visão de Apropriação e Mediação (Contemporaneidade).

contornar a imobilidade da perspectiva dicotômica, muitas vezes inferida entre a oralidade e a escrita.

Este cenário aponta para um quadro evidente na contemporaneidade – o fenômeno do retorno da oralidade. Turner (2010) destaca que pesquisadores do comportamento da informação já perceberam que, hoje, as pessoas preferem conversar com outras a procurar e usar informações registradas. No entanto, quando se fala em informação oral, a autora chama atenção para a problemática de categorizá-la no âmbito da informalidade, e por este motivo, a inferiorizá-la no transcurso da construção de conhecimento. Sobre isto, Leite (2007) defende que as instâncias informais de interação e trocas do conhecimento são tidas como importantes para aquisição de conhecimento e de experiência. Elas são, sobretudo, “fontes de informação social”, situadas dentro de ações orais produtoras também de significados (TURNER, 2010, p. 371).

Com base neste panorama, a autora ainda defende a necessidade de pesquisas que investiguem a oralidade como meio de partilha e construção de conhecimento no âmbito da Ciência da Informação. Neste sentido, entendemos que nossa pesquisa situa-se na intersecção dos campos das Ciências da Informação e da Educação, nomeada Infoeducação², que vem sendo sistematizada por equipe de pesquisadores de que fazemos parte. Nesses termos, a Infoeducação é uma problemática

situada nos desvãos das Ciências da Informação e da Educação, voltada à compreensão das conexões existentes entre apropriação simbólica e dispositivos culturais, como condição à sistematização de referências teóricas e metodológicas necessárias ao desenvolvimento dinâmico e articulado de aprendizagens e de dispositivos informacionais, compatíveis com demandas crescentes de protagonismo cultural, bem como de produção científica, constituída sob novas óticas, nas chamadas Sociedades do Conhecimento (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007, p. 91)

A oralidade, no contexto da Infoeducação, desponta como elemento que integra as práticas educativas e culturais na biblioteca. Esta assertiva é evidenciada no Programa de Infoeducação (PERROTTI, 2015) - documento que norteia as práticas infoeducativas, cujo objetivo segue os seguintes parâmetros:

desenvolvimento de aprendizagens (atitudes, habilidades e competências) relativas ao acesso, organização e uso de informações, tomadas em suas diferentes modalidades e aspectos, por meio de ações contínuas e

² O termo “Infoeducação” foi cunhado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti para nomear o 1º Colóquio Brasil-França de Infoeducação, realizado na ECA/USP, em 2000.

sistemáticas de *Infoeducação*, enquanto condição indispensável aos processos contemporâneos de apropriação, significação e construção do conhecimento (PERROTTI, 2015, p. 2)

Assim, os caminhos, as sinalizações e os apontamentos que levantaremos ao longo desta pesquisa procuram sinalizar a oralidade para além do aspecto comunicativo. Aqui, ela integra, juntamente com a escrita, o circuito de construção de conhecimento, constituído por um contínuo permanente entre culturas: oral, escrita, audiovisual, digital. Neste sentido, buscamos entender a biblioteca como espaço intersemiótico, de diálogo entre culturas, sobretudo, de encontro de vozes, de experiências e de conhecimentos. Este, possivelmente, é o viés norteador para a percepção das bibliotecas como dispositivos que contam, narram e produzem significados. E que buscam, indiscriminadamente, protagonizar todos os sujeitos envolvidos.

Com isso, podemos especificar, o objeto investigativo desta pesquisa sob a perspectiva teórica³ e empírica⁴. Assim, partindo do pressuposto da cultura como fenômeno dinâmico, complexo e intersemiótico, trabalharemos a importância da “oralidade” e suas relações com a escrita e demais linguagens culturais, consideradas aqui, importantes para os processos gerais de apropriação cultural. Por outro lado, no viés empírico, trabalharemos a partir dos dados produzidos e coletados na Casa da Leitura, biblioteca construída voluntariamente no *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, na cidade de Floriano (PI), onde foram realizados trabalhos diretamente voltados aos objetivos desta dissertação, com a participação de crianças de 8 – 9 anos da Rede de Ensino Pública do município de Floriano (PI).

O problema da pesquisa pode ser compreendido por meio dos seguintes pontos: Como a oralidade se manifesta no espaço da biblioteca, em relação a outras formas de comunicação cultural? Que lugar o dispositivo reserva para viabilização de trocas orais entre “equipe – público” e entre “público – público”, em situações como: apresentação do dispositivo e acolhida das crianças; Rodas de leituras; Rodas de histórias; Rodas de memórias?

³ Por teórica, Demo (2000, p. 20) compreende que se trata de um objeto refletido via pesquisa "dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos".

⁴ Demo (1994) considera que a ação investigativa passa a refletir sobre o objeto por meio da concretude de argumentações, de forma que o significado dos dados empíricos dependa do referencial teórico e, sobretudo, viabilize a aproximação prática na pesquisa.

Se o objetivo geral desta investigação é refletir sobre as relações entre oralidade e apropriação da cultura em ambientes educativos, marcados pela presença de diferentes linguagens e mídias, por outro lado, como objetivos específicos, pretende-se: Refletir sobre o lugar da linguagem oral nos processos de mediação cultural e apropriação de informação e cultura; Analisar as condições para trocas dialógicas de informação e conhecimento com o uso da oralidade; Observar, por meio de ações metodológicas, como as *Rodas de Leitura*, *Rodas de Histórias* e *Rodas de Memórias* influenciam para a fluidez das manifestações orais dos sujeitos envolvidos e Mapear situações de oralidade, no ambiente educativo da Casa da Leitura e verificar possíveis relações de continuidade/descontinuidade entre o oral e a escrita.

2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: ETAPAS E DETALHES

Para discorrermos sobre o percurso da pesquisa faz-se necessária uma breve exposição sobre o *locus* onde ela transcorreu. A Casa da Leitura, erguida em 2008, é uma das duas bibliotecas da instituição⁵ e local específico do desenvolvimento desta pesquisa. Este espaço tem gerado, desde sua gênese, um sentimento coletivo de orgulho, satisfação e pertencimento. A crença subjetiva, gerada pelo sentimento de pertencer ao local, contribuiu para o entendimento do sentido da coletividade, do “con-junto”, da importância da preservação, do cuidado com a “Casa”, como também serviu como formação identitária, com consciência participativa permanentemente renovada.

Desta forma, o entendimento acerca da Casa da Leitura nos permite corroborar com a seguinte assertiva apontada por Santiago e Brito (2009), que, na época, participaram efetivamente de todo processo de idealização, construção e efetivação do espaço. Assim como entendê-la como espaço gerador de sentidos para esta pesquisa.

a Casa da Leitura do Campus Floriano / IFPI cumpre rigorosamente o papel de um genuíno centro de reflexão democrático: desde a sua concepção até a sua construção e utilização, o esforço empregado foi, e continua sendo, voluntário e interdisciplinar [...]. Considerando que as leituras são múltiplas, o seu acesso, por sua vez, não poderia ser diferente. Por isso, a Casa da Leitura contempla atividades diversas de acesso aos livros e à leitura. É uma

⁵ A outra biblioteca tem o acervo voltado para os currículos dos cursos, contempla especificamente a grade bibliográfica informada ao MEC. Na biblioteca “Casa da Leitura” o acervo é composto por obras diversas. Com maior parte indicada por aqueles que fazem uso do acervo e do espaço. Além deste diferencial, a Casa da Leitura oferece uma estrutura diferenciada, com locais para discussões, mobiliário colorido e layout que afasta a perspectiva de confinamento, ainda presente nas arquiteturas das bibliotecas.

maneira também de oferecer possibilidades várias para as pessoas oriundas de realidades muitas vezes completamente distintas. Ao integrar e mobilizar esses seres para discutir temas comuns, presentes, em forma de um registro das experiências humanas, nos livros de literatura, a escola possibilita uma experiência verdadeiramente democrática, baseada no respeito e no aprendizado com a experiência de mundo do outro, a partir de suas próprias vivências e da leitura que faz da realidade que o cerca (SANTIAGO; BRITO, 2009, p. 2 e 7)

Partindo deste cenário, abordaremos os aspectos metodológicos da pesquisa, que segue nos tópicos seguintes.

2.1 Os sujeitos da pesquisa

O grupo observado foi composto por crianças de 08 a 09 anos (grupo formado por 17 crianças), matriculadas na Escola Municipal Marcos dos Santos Parente, situada na BR 343, Bairro Meladão, Floriano (PI). A escola oferece, como etapas da educação, o ensino fundamental em meio período, funcionando nos horários: manhã e tarde. Não possui biblioteca, sala de leitura e nem laboratórios. Conta com três salas de aula e atende a 72 crianças, divididas entre o 2º, 3º e 4º anos.

Segundo a professora da turma, as crianças deste grupo vêm de famílias cujo poder aquisitivo é visivelmente baixo. 30% delas vivem sob os cuidados dos avós ou outros responsáveis. Isto significa que muitas delas não estão inseridas em um modelo nuclear de família, sendo que boa parte dos responsáveis por estas crianças apresentam nível significativo de analfabetismo. Quanto ao aproveitamento educacional do grupo, quase metade passou pelo processo de repetência.

Além das crianças, outros sujeitos foram importantes para o desenvolvimento desta investigação, trata-se do eixo colaborativo formado por profissionais de diversas áreas: Enfermeira, Médica e Assistente social do *Campus*; Alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí; Professora do *Campus* mestre em Meio Ambiente e um Sargento da Polícia Militar do município.

2.2 Procedimentos e etapas da pesquisa e o caminho escolhido

Com participação da pesquisadora e do grupo de colaboradores, foram realizados encontros semanais com as crianças na Casa de Leitura. Estes encontros ocorreram todas as sextas⁶, de 8h – 09h30min, no período de 29 de abril de 2016 - 08 de julho de 2016 (finalização do semestre na escola). O deslocamento das crianças (Escola – Casa da Leitura e Casa da Leitura – escola) foi feito por meio do ônibus do IFPI, cedido para as atividades desta pesquisa.

No período posterior à apresentação e solicitações formais de autorização para a realização da pesquisa com os alunos, preparamos materiais para efetivação das rodas de leitura e rodas de história, assim como para o momento de acolhimento das crianças. Neste intervalo buscamos colaboração de pessoal junto à escola e a outros órgãos do município.

QUADRO 1 – Cronograma de investigação

DIAS/2016	ATIVIDADE
07 de março	Visita à escola - conversa com a professora
22 de março	Visita à escola – conversa com Diretora e professora
29 de março	Visita ao IFPI e Casa da Leitura – Conversa com Diretor do Campus e possíveis colaboradores
18 de abril	Visita à sala de aula e conversa com o grupo de crianças
29 de abril	Dia do acolhimento/recepção das crianças na Casa da Leitura
06 de maio	1ª Roda de Leitura
13 de maio	2ª Roda de Leitura
20 de maio	3ª Roda de Leitura
03 de junho	4ª Roda de Leitura
17 de junho	5ª Roda de Leitura
24 de junho	1ª Roda de História
01 de julho	2ª Roda de Histórias
08 de julho	Rodas de Memórias

Fonte: autora.

Seguindo a conjectura apresentada por Köche (2011), de que na pesquisa não há um único caminho a percorrer, consideramos dentre outras possibilidades de trajeto investigativo, a Pesquisa Colaborativa como cerne metodológico desta pesquisa.

Diferentemente de modelos tradicionais de investigação científica, na pesquisa colaborativa, o pesquisador sai de sua posição central, de geração dos saberes, para tornar-se co-participante do processo. Isto implica em uma postura de pesquisa que considere, sobremaneira, o outro com seus saberes e experiências. Desta forma, entendemos a

⁶ No cronograma da escola, a sexta-feira seria destinada a atividades de Leitura. Desta forma, a professora da turma, juntamente com a Diretora, achou conveniente atrelar este dia à proposta da pesquisa.

pesquisa colaborativa como meio de construção participativa do conhecimento, a partir de uma posição cuja mutualidade entre os partícipes é a mola propulsora para o desenvolvimento da investigação.

Para Minayo (1992), a coleta e análise dos dados da pesquisa fundamentam-se, especialmente, na observação feita ao longo do transcurso da pesquisa. Neste sentido, nas Rodas propostas por esta investigação seguiram os seguintes movimentos:

- ✓ O passo introdutório correspondeu ao primeiro momento interpretativo da pesquisa. Este teve relação direta com os aspectos referentes à conjuntura socioeconômica e política do qual fez parte o grupo social estudado. Foi a fase exploratória da pesquisa correspondente às entrevistas feitas com a Diretora da escola e a professora da turma. Assim, sobre este caráter exploratório da pesquisa Gil (2008) faz as seguintes inferências:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. [...] O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2008, p. 27).

- ✓ O segundo nível de interpretação baseou-se no encontro que realizamos com os fatos surgidos na investigação. As comunicações individuais, as observações de condutas e costumes, a análise das instituições foram os aspectos considerados nesse nível de interpretação;
- ✓ O terceiro passo foi a operacionalização, dividida da seguinte forma: (a) Ordenação dos dados: neste momento, mapeamos os dados obtidos no trabalho de campo. Aqui, foram envolvidos, por exemplo, transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação participante⁷. (b) Classificação dos Dados: nesta fase elaboramos as categorias específicas, de forma a ordenar os conjuntos das informações presentes na comunicação. Tais conjuntos seguiram a

⁷ Observação participante é “o processo no qual o investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo” (MAY, 2001, p. 177)

lógica dos encontros: acolhimento, rodas de leituras, rodas de histórias e rodas de memórias. (c) Análise final: procuramos estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da investigação com base em seus objetivos. Assim, promovemos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática.

Neste contexto, de abordagem qualitativa, cabe destacar a compreensão especial dada à categoria da observação, no âmbito desta pesquisa. De acordo com Poupart *et al* (2008), a observação dos fenômenos, qualquer que seja a sua natureza, constitui o núcleo de todo procedimento científico (qualitativo ou não), firmando-se, a partir de então, como uma condição primeira da construção do saber nas ciências sociais.

A este respeito, Freitas (2002) menciona que a observação é o encontro de vozes, e entendemos que, com as vozes dos sujeitos, vêm suas crenças, suas ideologias, seus medos e tudo que os constituem como indivíduos sociais.

A observação é, nesse sentido, um encontro de muitas vozes: ao se observar um evento, depara-se com diferentes discursos verbais, gestuais e expressivos. São discursos que refletem e refratam a realidade da qual fazem parte, construindo uma verdadeira tessitura da vida social. O enfoque sócio-histórico é que principalmente ajuda o pesquisador a ter essa dimensão da relação do singular com a totalidade, do individual com o social (FREITAS, 2002, p. 28)

Para Freitas (2002), isto implica que produzir um conhecimento a partir de uma pesquisa é, pois, assumir a perspectiva da aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento.

Neste sentido, cabe detalhar aqui os pontos de observação da investigação:

- Qual o lugar da oralidade em um dispositivo com diferentes linguagens (escrita, audiovisual, digital, eletrônica)? Como a oralidade é concebida e praticada no dispositivo a ser estudado? Qual a ordem informacional que ali prevalece, do ponto de vista das linguagens (oral, escrita, audiovisual etc.). As crianças sentem-se à vontade para se expressarem oralmente? O dispositivo acolhe ou não a oralidade? Quais códigos as crianças têm maior domínio? Como as interações são recebidas no dispositivo? O que está para além da oralidade, quando se utiliza a contação de histórias? Como as interações orais criam vínculos, trocas, negociações e ações? De que forma os diálogos são vinculados aos conteúdos existentes na biblioteca? Como

é tratado o silêncio, no espaço do dispositivo? Qual o papel da oralidade nos processos de construção do conhecimento no dispositivo?

As categorizações situacionais escolhidas tiveram por objetivo compreender como os sujeitos entendem (Rodas de Leitura), criam (Rodas de Histórias) e ressignificam (Rodas de Memória) as informações articuladas no quadro intencional desta pesquisa, para a construção de conhecimento no contexto oral e de escrita. De maneira mais específica, as propostas e os objetivos de cada roda e da acolhida às crianças foram:

- **Recepção/acolhimento das crianças:**

OBJETIVO: aproximar as crianças do dispositivo informacional por meio de interações orais articuladas a outras formas de comunicação, de modo a possibilitar um sentimento de pertencimento no *locus* da pesquisa.

- **Rodas de leituras:**

OBJETIVO: investigar a relação entre a informação escrita e a oralidade para construção do conhecimento no espaço da biblioteca.

- **Rodas de histórias:**

OBJETIVO: momento mediado de forma a tornar possíveis trocas, diálogos e vivências destas crianças. A análise das observações foi feita com o objetivo de compreender como a oralidade pode interferir no processo de construção do conhecimento e das possíveis trocas dialógicas no espaço biblioteconômico;

- **Rodas de memórias:**

OBJETIVO: as crianças puderam narrar os fatos que ficaram na memória. Isto evidenciou o que as marcou e o que as tocou ao longo dos encontros. Momento emblemático para avaliar e observar se houve construção de vínculos, de que natureza, que relações foram construídas com utilização de múltiplas linguagens, assim como avaliar qual o papel da biblioteca para a construção do conhecimento.

As situações de oralidade/escrita foram organizadas com objetivo de sistematizar o processo de investigação. Os encontros foram intitulados de “rodas” para sinalizar a ideia de movimento constante, de conversas entreolhadas e de trocas. As temáticas abordadas serviram de ponto de partida para análise das construções que ali ocorreram, pois as construções orais eram, sobremaneira, o que mais interessava à pesquisa. Elas ocorreram de

maneira semiestruturadas, dando mais fluidez às conversas, diálogos e embates/negociações que ali ocorreram.

As manifestações orais se deram de modo a dar vida às rodas, enquanto as manifestações da escrita registravam os “movimentos” e tudo que, de certa forma, tocava cada criança. Para tanto, ao final de cada encontro (Rodas), as crianças podiam escrever e/ou desenhar algo sobre as temáticas propostas. Toda a produção era guardada em pastas individuais, intituladas *Mnemosine*⁸, cujo conteúdo seria, posteriormente, rememorado nas Rodas de Memória.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao sinalizarmos, na parte introdutória deste trabalho, a perspectiva histórica/evolutiva da biblioteca com suas características, naturezas e problemáticas, tivemos como intenção apontar uma nova perspectiva para a biblioteca na contemporaneidade. Esta proposta considera a biblioteca como dispositivo informacional dialógico, isto é, como instância sócio, cujos elementos heterogêneos⁹, atuam como portadores de sentidos, que dizem, contam, narram e produzem significados em relações dinâmicas entre seus elementos constitutivos.

A partir deste panorama, inferimos que a ordem discursiva deste dispositivo constitui instância de mediação, que atua nas relações entre o sujeito e o universo simbólico, razão pela qual, sua configuração deve ser entendida como mecanismo portador de significados que podem tanto atuar de modo definitivo e afirmativo nos processos de apropriação cultural, como apenas, direcionar este dispositivo para ações de oferta/aceso informacional (PIERUCCINI, 2007).

A proposição configurativa e conjectural desta pesquisa foi, portanto, evidenciar a oralidade na biblioteca, como categoria essencial nas dinâmicas para construção de conhecimento, onde, neste sentido, a biblioteca e seu espaço, foi historicamente construído como lugar de cultura eminentemente letrada, e cujas dinâmicas e rotinas, por vezes, afastam e estigmatizam as falas e vozes como ruídos em seus espaços e ambientes.

⁸ Deusa que personificava a memória. Seria responsável pela preservação das lembranças frente aos perigos da infinitude e do esquecimento.

⁹ Os elementos heterogêneos do dispositivo são compreendidos como: o ambiente, técnicas e tecnologias, processos e produtos, regras e regulamentos, conteúdos materiais e imateriais. Estes elementos dão sentido e trazem identificação para a biblioteca, aqui compreendida como dispositivo.

Claro, a pesquisa cuidou de recortar o objeto a que se refere - a biblioteca, de chamar a atenção para as diferentes modalidades de bibliotecas existentes (universitárias, especializadas, públicas, escolares, comunitárias etc), indicando a necessidade de nuances e de contextualização da questão da oralidade. Em outras palavras, os modos como esta se manifesta varia evidentemente em função da natureza especial do equipamento.

Assim, para compreendemos as sinalizações que esta pesquisa obteve, recorreremos aos seus objetivos, e discutiremos as respostas obtidas neste caminho investigativo. Para tanto, partiremos do objetivo geral:

Refletir sobre as relações entre oralidade e apropriação da cultura letrada, em ambientes educativos, marcados pela presença de diferentes linguagens e mídias.

A Casa da Leitura é uma biblioteca de natureza interativa, cujos serviços, linguagens, ambiente e tecnologias alinham-se de modo a tornar o espaço dinâmico, e, essencialmente, dialógico intersemiótico. A oralidade, neste cenário, é recebida como parte integradora dos processos e, sobretudo, é prática informacional recorrente nas dinâmicas que ali ocorrem.

Dentro deste contexto, a pesquisa propôs-se a criar situações que colocassem em dinâmica a relação oralidade e escrita, bem como outras linguagens culturais, dentro de uma complementaridade e de um *continuum tipológico* (MARCUSCHI, 2001).

Nas dinâmicas das Rodas, a oralidade foi percebida como tendência mais confortável junto ao grupo. A maioria das crianças tinha dificuldades em ler e escrever e, por isso, percebia na oralidade possibilidade para realização de trocas, a partir das temáticas propostas. Isto, no entanto, não converteu-se em possibilidade única, porque elas eram sempre convidadas a estabelecerem contato com os livros, o que fez com que adquirissem, ao longo das Rodas, a habilidade de correlacionar o livro com os temas e as histórias contadas.

Todavia, isto só foi possível porque, durante a seleção de livros para as Rodas, a proposta de uma espécie de “miscelânea literária” nos pareceu uma via potencial para o percurso leitor das crianças. Juntar livros com histórias conhecidas e tradicionais, livros sem palavras e livros cujas histórias inaugurassem novas possibilidades, foi o recurso escolhido para tornar os momentos de leitura mais agradáveis e, no caso do grupo, possíveis.

Nesta conjuntura, em que a oralidade aparece como aporte-base para trocas e possíveis construções de conhecimento, o estranhamento e/ou constrangimento em ter um

livro nas mãos e não saber ler seu conteúdo, deveria ser de todo evitado. Ao folhear um livro, cuja história lhe parecia familiar, graças a uma manifestação oral por ela experienciada, a criança, de imediato, “lia” aquele livro e, por isso, sentia-se partícipe no processo de “engrenagem das Rodas”. Outras crianças poderiam construir suas próprias histórias, a partir dos livros sem palavras. Por outro lado, as crianças, com habilidades leitoras, apresentavam às outras novas histórias.

Com base neste desenho proposto para a pesquisa, observamos que a oralidade e suas manifestações foram vivenciadas e compreendidas pelas crianças como meio para viabilizar as interações reticulares existentes entre elas. Neste processo, cada criança criava expectativa sobre o outro (como sujeito que escuta e, posteriormente, como sujeito opinativo). No momento em que contava a história, a criança buscava uma instância colaborativa junto às outras, fato que, conseqüentemente, aumentava o potencial de ação da criança leitora. Quando esta percebia que havia avaliação positiva na postura oral das outras crianças, de imediato sentia-se mais confiante diante da situação, o que foi percebido também pelo desenrolar das interações orais posteriores à leitura, provocadas inicialmente pela mediadora (pesquisadora).

Por meio desta inter-relação construída entre oralidade e cultura letrada, inferimos o que já foi postulado por Ong (1998, p. 23), quando afirmou que “a oralidade precisa e está destinada a produzir a escrita”. No processo investigativo, observamos que este é o caminho natural. Contudo, há de se pensar que dentro de um cenário de estímulos e intencionalidades, esta relação se dar de maneira mais fluida e espontânea possível.

Em se tratando dos objetivos específicos da pesquisa, temos:

Refletir sobre o lugar da linguagem oral nos processos de mediação cultural e apropriação de informação e cultura.

Levando em consideração a expressividade da linguagem oral como via de comunicação no transcurso das Rodas e, sobretudo, entendendo que a oralidade foi o pressuposto base para a investigação, as sinalizações desta pesquisa para a relevância da linguagem oral, nos processos de mediação e apropriação da informação e cultura, apontaram que:

- a) A mediação foi um viés extremamente importante para o transcurso das atividades propostas em cada Roda. Sua compreensão, no âmbito da pesquisa, esteve atrelada

à ação de produção de sentidos e não necessariamente à mera intermediação instrumental ou funcional. O que isto significa? O grupo de crianças passou por um processo de mediação ligado a ações orgânicas, sistemáticas, permanentes e cuja natureza transdisciplinar e transversal possibilitaram condições de aprendizagens e de reflexões inscritas em lógicas comprometidas com a educação de protagonistas culturais e não de meros consumidores de informação e cultura.

- b) O processo de mediação, tal qual descrito, foi possível devido à natureza do dispositivo (Casa da Leitura), que viabilizou partilhas simbólicas e relacionais entre seus objetos, artefatos e ferramentas, de modo a atingir diretamente comportamentos e condutas (afetivas, cognitivas e comunicativas) das crianças do grupo. Neste sentido, o dispositivo atuou, intrinsecamente, como mediador no processo de construção do conhecimento, possibilitando, apropriação do conhecimento, como também, do próprio dispositivo.

Face a isto, outro componente importante da mediação foram os sujeitos mediadores. No trâmite investigativo, a pesquisadora entrevistou como mediadora, auxiliando nas construções que ocorriam no dispositivo, de modo a aproximar sua atuação ao conceito vygotskiano de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZPD (VYGOTSKY, 2008), cuja abordagem está na compreensão da relação que se estabelece entre os sujeitos, tendo em vista a construção de sentidos e o compartilhamento de significados. Sobre isto, Bruner (2000) defende a importância do adulto (mediador), enquanto andaime, no processo de construção de significados sobre a realidade. A perspectiva bruneriana aponta este adulto como um educador que “por meio do discurso da colaboração e da negociação” ajuda a criança a construir significados a partir de ações interativas, dialogantes e reflexivas (Bruner, 2000, p.86). Para Perrotti e Pieruccini (2007) o conceito de “Infoeducador” surge como uma interface dos profissionais da Informação e da Educação. Ele atua como mediador de processos de aprendizagem informacional indispensáveis à apropriação simbólica e ao protagonismo cultural. Contudo, cabe destacar que a mediação, no transcurso da pesquisa, não se limitou ao dispositivo – como instância mediadora, nem à pesquisadora – no papel de mediadora cultural/Infoeducadora; estendeu-se a todos os envolvidos. Tal fato significa que, além do pesquisador, os profissionais colaboradores e até mesmo as próprias crianças tiveram papel preponderante como mediadores.

A apropriação informacional e cultural observadas no dispositivo implicou em uma ruptura com a ideia de assimilação, isto porque as dinâmicas informacionais e culturais desenvolvidas durante as Rodas ampliaram-se com o intuito de tornar conteúdos, temas e enunciados negociáveis e, conseqüentemente, ressignificados numa visão construtiva de produção e não de transmissão de sentidos, ainda que em alguns momentos, fossem observados tendências transmissivistas em algumas colocações dos participantes/colaboradores. Ao afirmarem-se, as crianças acabavam por realizar negociações com o mundo material, social e simbólico, necessárias à construção de protagonistas culturais, de cidadãos e da própria cultura, num processo permanente, dinâmico e dialógico. Neste sentido, as crianças conseguiram perceber a importância de tornarem-se autônomas, tendo em vista que suas falas puderam ser ouvidas e negociadas em um espaço que, em seu todo, apresentou uma vocação dialógica. Em outras palavras, a perspectiva de assimilação cultural (sujeição e transmissão monológica) rompeu-se com a possibilidade de uma afirmação autônoma daquelas crianças, vistas, sobretudo, como sujeitos face da cultura e de sua potencial apropriação. E, nesse sentido, o livre fluir das intervenções orais teve um papel essencial, permitindo a formação de tramas, de redes de sentidos, envolvendo os diferentes participantes num jogo dinâmico, complexo e rico de signos e significações.

Analisar as condições para trocas dialógicas de informação e conhecimento com o uso da oralidade

O uso da oralidade foi extremamente necessário para a efetivação das Rodas. Como dito anteriormente, boa parte das crianças do grupo tinha dificuldades em ler e conseqüentemente, escrever. Nesse cenário, as manifestações orais apresentaram-se, especialmente, como o recurso expressivo/significativo para as trocas dialógicas no dispositivo.

Se pensássemos no dispositivo como espaço voltado, eminentemente, à cultura escrita, desvinculada da oralidade, correríamos sério risco de não haver nenhuma possibilidade de produtividade naquele lugar para crianças ou mesmo para adultos com dificuldades de leitura e escrita. A noção de pertencimento, em relação à Casa da Leitura estaria seriamente comprometida, coisa que efetivamente não ocorreu. Ao se sentirem acolhidas e reconhecidas em seus modos próprios de expressão oral, as crianças

rapidamente se manifestavam, interessavam-se pelas propostas, mostravam interesse em caminhar e avançar na conquista do universo do conhecimento e da cultura.

Neste sentido, perceber aquela biblioteca como espaço dialógico e, obviamente oral, permitiu romper, sobretudo, com os conhecidos paradigmas de conservação (patrimonialista/controlado); e de difusão (distributivista/transmissivista/monológico), fortemente marcados por processos de interdição.

Observar, por meio de ações metodológicas, como as Rodas de Leitura, Rodas de Histórias e Rodas de Memórias influenciam para a fluidez das manifestações orais dos sujeitos envolvidos

As Rodas de Leitura, Histórias e Memórias foram mecanismos mediados e utilizados na pesquisa para viabilização do pressuposto da aplicação da oralidade em contexto de cultura letrada, tendo como via conjectural a potencial construção de conhecimento. Contudo, as questões orais aqui imbricadas foram empregadas e contextualizadas para além da tradicional “contação de histórias”. As Rodas “giravam” com o intuito de contar, recontar, mudar e, sobretudo, ressignificar histórias, episódios, conteúdos e argumentos numa perspectiva protagônica, especialmente voltada à apropriação cultural.

O desenho e a dinâmica das Rodas foram pensados para dar mais e melhor fluidez às manifestações orais ali empreendidas. As crianças, que não dominavam, efetivamente, a escrita e a leitura, puderam utilizar-se da oralidade para atuar nas Rodas, designando, com isso, o ritmo, o compasso e o progresso de cada atividade. Isto significa que a metodologia adotada serviu não só para a concretização das fluências orais e construções ali empreendidas, mas auxiliaram, sobretudo, para o entendimento das Rodas como instâncias mediadoras, cujas situações de oralidade puderam ser efetivadas, permitindo que as crianças se apropriassem do dispositivo e construíssem, a partir dele, significativas habilidades, competências e atitudes.

Mapear situações de oralidade, no ambiente educativo da Casa da Leitura, e verificar possíveis relações de continuidade/descontinuidade entre o oral e a escrita

Seguindo as inferências do *continuum tipológico* postulado por Marcuschi (2001) defendido neste trabalho, observamos uma sinalização importante para a possível sequência entre oralidade e escrita. As crianças que, a princípio, somente folheavam os livros, terminaram o processo das Rodas com empréstimos, trocas e até mesmo disputa por obras literárias. O registro nas Pastas *Mnemosines* também serviu como aporte de observação para o processo evolutivo da escrita do grupo. Contudo, devemos esclarecer que a solução dos problemas relacionados à alfabetização daquelas crianças não foi aqui perseguida. No entanto, a pesquisa apontou uma forte tendência das crianças em se apropriarem do suporte livro - objeto simbólico da cultura letrada.

A partir daqui, entendemos que a elucidação dos objetivos desta pesquisa aponta para a importância da oralidade e da atitude intersemiótica nos processos de construção de conhecimento. Tais objetivos sinalizam para uma conjuntura que observe, com especial atenção, a relevância da expressão oral nos processos de aprendizagem e apropriação cultural.

O grupo que colaborou com esta pesquisa era composto, em sua maioria, de crianças com dificuldades de leitura e escrita. A biblioteca, neste contexto, se fechada exclusivamente nos códigos escritos seria o espaço que, provavelmente, não iriam frequentar, visto o baixo potencial leitor do grupo. O que uma criança que não sabe ler iria fazer na biblioteca? E se não sabe ler, como irá aprender? Que trocas significativas iriam ocorrer? Estas indagações sugerem um paradigma que deve ser reconhecido – o da biblioteca intersemiótica.

A consideração da oralidade, como categoria essencial da aprendizagem e de construção de conhecimento, por dispositivos culturais como as bibliotecas é a base defendida e observada nesta pesquisa. As crianças puderam experienciar situações que as colocaram como protagonistas em meio a um espaço tradicionalmente avesso às falas, conversas e trocas dialógicas. Se as bibliotecas foram, ao longo do tempo, lugar de silêncio imposto, cujas vozes eram, naturalmente, interditas e vistas como prejudiciais para o fluxo e a apropriação das informações, é preciso que tal formulação seja reconsiderada à luz das realidades contemporâneas. Nosso trabalho demonstra que, na Casa da Leitura, a oralidade,

em suas diferentes dimensões e relacionada às demais linguagens expressivas, mostrou-se categoria essencial às dinâmicas de conhecimento, recomendando a perspectiva intersemiótica como caminho promissor aos processos de apropriação cultural.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRUNER, Jerome. **Cultura da Educação**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FREITAS, Maria Teresa de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, jul. 2002. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/555/555>>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.
- LEITE, Fernando C. L. O conhecimento científico tácito na dinâmica da pesquisa: alguns indícios. **DataGramaZero**, v.8, n. 3, jun., 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Oralidade e escrita: uma ou duas leituras do mundo. **Linha d'Água**, São Paulo, n. 15, p. 41-62, setembro, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37233/39954>>. Acesso em 15 jul. 2015.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. Editora Ática, 2002.
- MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre; Artmed, 2001.
- McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1972.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/caphooke/minayo-o-des>>. Acesso em: mar. 2017.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas (SP): Papyrus, 1998.
- PERROTTI, Edmir. **Programa de Infoeducação**. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/programadeinfoedu.pdf>>. Acesso em: ago. 2015.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres na contemporaneidade. In: **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8, 2007, Salvador (BA). **Artigos...** Salvador (BA), 2007. Disponível em:<<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

SANTIAGO, Darley F. de A; BRITO, Claudio Marzo C. de. Casa da Leitura do IFPI - *Campus Floriano*: uma experiência democrática de acesso à leitura. In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE E NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 4, 2009, Belém (PA). **Anais...** Belém: CONNEPI, 2009.

TURNER, Deborah. Orally-based information. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 3, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.